



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 12

Menos pior

Branca Vianna: Está começando mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Tem uma frase do Benjamin Franklin que diz que só duas coisas são certas nesse mundo: a morte e os impostos. Da morte ninguém conseguiu fugir até agora, mas tem muita gente empenhada em evitar os impostos.

O nosso episódio dessa semana é sobre outra coisa da qual não dá pra fugir. Pelo menos não inteiramente. É uma coisa que fica no meio do caminho entre a morte e os impostos. Se tem outra coisa que inevitável na vida, é que ela vai doer. Não vai doer o tempo todo, e a vida não é só isso. Mas vai sempre ter coisa que machuca. Não adianta achar que não.

Mas ao contrário da morte – que, realmente, é caso consumado – a gente pode, sim, fazer alguma coisa a respeito da dor. Do conflito. Dos danos. A gente pode encontrar um jeito de reconhecer que essas coisas fazem parte da vida, e de amenizar. No fim, entender essa inevitabilidade da coisa pode até acabar sendo um pouco libertador.

No episódio de hoje, a gente tem duas histórias sobre aplicações bem diferentes dessa teoria. Quem vai puxando o primeiro fio é a Natália Silva.

ATO 1

Natália Silva: Tem um conto de fadas que quase todo mundo já leu, ou viu em filme, que eu não conhecia muito bem.

Stella Almeida: Que é a história da Bela Adormecida.

Natália Silva: Eu sabia que ela dormia e era acordada pelo beijo do príncipe encantado, mas só. Eu nunca vi o filme, ou li a história inteira. Então quando a Stella me perguntou.

Stella Almeida: Você já ouviu a história?

Natália Silva: E eu disse que não, ela teve que me contar para conseguir explicar a filosofia do trabalho dela. A Stella é psicóloga, mas eu vou te contar direito quem ela é depois. Primeiro, a Bela Adormecida.

Mesmo que você conheça a história, o lance do beijo do príncipe, que é o grande momento do filme que a Disney fez, não era essa a parte que a Stella queria que eu prestasse atenção. Ela queria saber se eu sabia o que tinha botado a princesa pra dormir. E a história é assim: era uma vez, um rei e uma rainha. Eles queriam muito ter um filho. Tentaram, tentaram, tentaram e não dava certo. Fizeram de tudo e depois de muito tempo, conseguiram. Nasce uma linda menina, a Aurora. Como eles ficaram muito felizes com o nascimento, eles chamam todas as fadas do reino pra dar um presente pra Aurora – que ainda é um bebê. Aí rola um brunch pras fadas e quando tá mundo sentado na mesa, chega mais uma fada. Uma fada que estava sumida, que todo mundo achou que tinha morrido. E ela está super ofendida de não ter sido convidada. Aí na hora de dar o presente, ela decide se vingar por não ter

sido chamada pra festinha. Ela diz que, quando a princesa fizer 15 anos, ela vai picar o dedo numa roca de fiar – que é instrumento pra fazer fios, que tem uma agulha. E aí, depois de picar o dedo nessa roca, a Aurora vai morrer. O rei e a rainha entram em desespero. Aí outra fada fica com dó e diz que o presente dela vai ser suavizar essa vingança. Então, ao invés de morrer, ela diz que a princesa vai dormir até que ela receba um beijo de amor verdadeiro. Só que aí o pai, o rei, pensa: ela não pode encostar o dedo da roca de fiar. Eu, que sou rei, vou mandar queimar todas as rocas do reino. Só que sobra uma roca. Uma única roca, que ficava super bem guardada. A sete chaves. E aí, como você já deve ter adivinhado, a Aurora encontra a roca. É um negócio novo, que ela nunca viu na vida, ela fica curiosa, vai lá e pimba. Pica o dedo nessa roca e dorme. É assim que ela dorme.

No final, não sei se dá pra dizer que a resposta do rei é a pior possível. Mas veja bem: ele não só não consegue proteger a filha, como deve ter tido um impacto terrível sobre o reino como um todo. Imagina o que significa confiscar todas as rocas. Do dia pra noite não tem mais como fazer tecido. Até a Aurora estar na idade de namorar, a população toda devia estar vestindo farrapos.

Se a Stella fosse o rei, ela daria outra resposta pra essa situação. E ela acha que se o rei tivesse seguido a filosofia de trabalho que ela usa, nada disso precisava ter acontecido.

Stella Almeida: Se ele tivesse dito "olha, a roca é isso daqui. A roca tem esse negócio. Aqui pica o dedo, então, veja bem, quando você encontrar uma roca, nunca ponha a mão aqui." Ele teria feito uma coisa de redução de danos e ela não teria picado o dedo na roca. Ela se machucou com um negócio que ela não conhecia. Se ela conhecesse o objeto, talvez ela pudesse não se machucar, né?

Natália Silva: Talvez. Mas aí nem seria um conto de fadas porque a Bela Adormecida tinha que se machucar. Não só pra ter uma história, mas pra ter uma moral na história. Contos de fada, às vezes de um jeito meio torto, são histórias que a gente conta pra passar uma mensagem. Um alerta, nesse caso da Bela Adormecida. Quantos pais por aí não devem ter dito "você lembra o que aconteceu com a Aurora?", pra convencer crianças a não botar o dedo em qualquer coisa?

A Stella também me contou essa versão da história pra tentar me convencer de uma ideia. Ela disse tudo isso no fim de uma conversa que a gente teve por que eu queria entender uma polêmica na qual ela se meteu uns anos atrás.

Stella Almeida: Eu começo ali do começo, antes de Cristo? Porque é uma história longa.

Natália Silva: Antes de Cristo, no fim dos anos 90, começo dos anos 2000.

Stella Almeida: Bom, então lá, começando lá bem atrás. Eu sou psicóloga e desde já da graduação eu comecei a trabalhar com o consumo de drogas.

Natália Silva: O nome completo da Stella é Stella Almeida. Ela se formou em psicologia na USP – a Universidade de São Paulo – e decidiu fazer o mestrado lá também.

Stella Almeida: E falei, pô, vou estudar ecstasy, que ninguém estudou ainda, uma coisa supernova, uma coisa de jovens.

Natália Silva: Nessa época – antes de Cristo – o consumo de ecstasy no Brasil era pequeno, mas estava aumentando.

Stella Almeida: Daí eu propus para a minha orientadora, na época, falei "não, preciso estudar ecstasy". Ela falou "olha, eu já estou muito velha para usar uma droga nova, nem sei se você vai conseguir encontrar esses usuários". Eu

falei "não, eu consigo, deixa comigo." Aí ela até falou "você me dá uma aula sobre como o ecstasy atua no cérebro e eu topo. Se a aula for boa.

Natália Silva: A aula foi boa, a orientadora topou, e aí ela fez o mestrado sobre ecstasy.

Stella Almeida: Que chamou, inclusive, primeiro perfil do usuário de ecstasy em São Paulo.

Natália Silva: Que foi publicado em 2000. A pesquisa dela comparou usuários e não-usuários de ecstasy, porque ela queria entender que impacto a droga tinha na vida das pessoas.

Stella Almeida: Deu uma pequena diferença na escala de depressão, sendo que os usuários eram menos deprimidos.

Natália Silva: O que foi uma surpresa, porque a substância do ecstasy – que é o MDMA – ela aumenta a atividade de 3 neurotransmissores: a serotonina, a dopamina e a noradrenalina – mas principalmente de serotonina, que é um neurotransmissor que regula humor, sono, apetite, então esse excesso de serotonina é o que causa a sensação de bem-estar. Não é à toa que a droga chama ecstasy. Só que a gente tem um estoque de serotonina. Quando libera muito, demora pro corpo produzir de novo. Então depois que o efeito da droga passa, pode bater uma bad. Uma tristeza até o estoque voltar ao normal. Se o uso for constante e prolongado, essa tristeza pode ficar mais profunda, evoluir pra uma depressão, mas, enfim, os usuários que a Stella entrevistou, que faziam um uso recreativo da droga – no fim de semana, em festas – estavam um pouco menos deprê do que os não usuários. Então eles não estavam pensando em parar com a droga.

Stella Almeida: Não estava fazendo exatamente mal para eles, né, eles não se sentiam nem deprimidos, nem com nenhum outro tipo de problema.

Natália Silva: Mas eles estavam preocupados com a própria saúde.

Stella Almeida: Pô, será que isso vai fazer mal?

Natália Silva: A Stella terminou o mestrado e foi fazer doutorado, sobre esse mesmo tema, mas agora com outro objetivo, que era pensar como lidar com essas pessoas que usam ecstasy e não querem parar. Entre usar e não usar tem muita coisa, né. Não é uma coisa ou outra.

Stella Almeida: Então, o meu doutorado foi uma pesquisa online com usuários de ecstasy, aí só usuários.

Natália Silva: Que ela começou a fazer em 2001.

Stella Almeida: Fiz um site, coloquei a pesquisa, foi superlegal, super funcionou. Eu tive muita resposta.

Natália Silva: Mais de mil usuários responderam. E isso foi no começo dos anos 2000.

Stella Almeida: Ninguém sabia nada sobre pesquisa online.

Natália Silva: Não tinha Instagram para postar o link no stories.

Stella Almeida: Era Orkut naquela época.

Natália Silva: Orkut é aquela rede social que o Jesus Cristo usou pra reunir os apóstolos e tal, mas que acabou. Só quem viveu sabe. Se o Orkut ainda existisse, você teria que digitar “Baladaboa” para encontrar a pesquisa da Stella. Esse era o nome da pesquisa: Baladaboa. Por quê?

Stella Almeida: Na verdade, eu tinha um informante, que ele levava nas festas numa embalagenzinha de tic tac, sabe? E aí ele falava quem quer uma balinha? E aí um dia eu tive um insight e falei puta, bala da boa, balada boa.

Natália Silva: Ecstasy. Bala. Bala da boa. Baladaboa.

Stella Almeida: Eu particularmente acho muito legal, porque quando eu falava com alguém, tipo comitê de ética, eu falava assim “porque o Balada boa”, e ninguém percebia. E quando eu falava com o usuário, eu falava “porque o bala da boa”, né, eu só mudava a entonação e já tinha essa coisa. E eu achava muito que você para comunicar, se você comunicar com diversão, se você vai comunicar muito melhor.

Natália Silva: E a conclusão do doutorado – dessa pesquisa do Baladaboa – reforçou o que a Stella já sabia: que os usuários de bala não estavam preocupados com abstinência. Eles não queriam parar de usar, porque eles achavam que não estava prejudicando a vida deles. E, veja bem, eu não estou dizendo que essa é uma droga segura. Nem a Stella estava falando isso. Ela queria entender o que os usuários pensavam, pra poder planejar uma estratégia de cuidado e prevenção a partir disso.

Stella Almeida: E cheguei de novo a conclusão de que realmente a redução de danos era o melhor mesmo, era bacana, era o que ia funcionar para esse público.

Natália Silva: E é aqui que a história começa a ficar complicada e polêmica. Quando aparece a tal da redução de danos. A mesma que a Stella falou lá na história da Bela Adormecida.

Angélica Comis: E por que isso, né? Porque a gente vive num país extremamente moralista.

Natália Silva: Quem me explicou melhor o que é redução de danos – que algumas pessoas também chamam de RD – foi a Angélica Comis, da ONG É de Lei. Essa ONG existe há alguns anos, e trabalha com redução de danos sociais e de saúde ligados as drogas.

Angélica Comis: Então, a redução de danos, ela vem para tentar garantir uma melhora na qualidade de vida do indivíduo que faz uso de substâncias e, para além disso, falar de dados de realidade, né? Porque não adianta falar "olha, não pode usar drogas ilícitas", porque as pessoas gostam, elas usam.

Natália Silva: Isso não quer dizer que não dê pra fazer nada.

Angélica Comis: Porque, na verdade, a redução de danos ela é uma lógica de cuidado.

Natália Silva: A primeira vez que a humanidade testou essa lógica em grande escala não envolveu uma roca. Mas também tinha coisa pontiaguda no meio. Quem usa drogas injetáveis e compartilha seringa corre muito risco de pegar várias doenças. E as primeiras campanhas de redução de danos no mundo foram pra tentar frear o avanço do vírus do HIV entre essas pessoas.

Tem uma história bem marcante – e meio engraçada – que eu descobri enquanto fazia pesquisa pra esse episódio. Eu li num livro chamado Undoing Drugs, escrito pela Maia Szalavitz. O livro não está disponível em português, infelizmente. A história que me marcou aconteceu nos Estados Unidos, de onde a Maia é. Foi o seguinte: no fim dos anos 80, começo dos anos 90, estar com AIDS era igual ter um atestado de óbito. Pegou, morreu. Hoje em dia, quase todo mundo sabe como o vírus do HIV é transmitido, mas antes não era assim. Por exemplo, um dos jeitos de se contaminar é compartilhando seringa. Só que apesar do vírus estar circulando entre quem usava drogas injetáveis desde o final dos anos 70, a primeira notícia sobre isso só foi publicada lá, nos Estados Unidos, em 85. Nessa altura, boa parte das pessoas que injetavam tinham o vírus.

Aí, os pesquisadores médicos, enfermeiros, epidemiologistas, enfim, começaram a pensar em como parar isso. Fazer as pessoas pararem de usar droga? Hum, seria tipo queimar todas as rocas do reino. Sem condições. A droga ia continuar entrando e saindo da seringa. Quem ia ter que sumir era o vírus, eles precisavam achar um jeito de desinfetar as seringas.

Aí começou um processo de tentativa e erro, de eliminação. Colocar água fervida na seringa era um jeito, mas ferver água era um processo lento. Ninguém ia querer esperar todo aquele tempo. Dava pra usar álcool, mas aí tinha o risco das pessoas não usarem o álcool certo, mas sim, sei lá, uma bebida com álcool. E não ia funcionar.

Tinha outros produtos químicos, mas que exigiam muito cuidado. E tinha água sanitária, que matava o vírus do HIV, inclusive se tivesse diluída em água. Ainda tinha o risco de sobrar um pouco de água sanitária na seringa se a pessoa não limpasse direito, mas, em quantidades pequenas, injetar a água sanitária não é fatal. Faz mal, óbvio, mas não mata. E é aqui que começa a parte meio engraçada. Pra divulgar essa estratégia, em 1986, nasce um super-herói: o Bleachman. Bleach é água sanitária em inglês.

Isso que você está ouvindo no fundo é a campanha de TV do Bleachman. Começa com ele lendo um jornal lá no planeta dele e descobrindo que a Terra está lutando contra a AIDS. O Bleachman é uma garrafa gigante de água sanitária com uma capa vermelha, igual do Superman. Se eu precisasse explicar redução de danos usando só uma coisinha, eu teria escolhido esse vídeo dessa campanha. É maravilhoso. O Bleachman pousa na terra e diz "Injetar droga não é saudável. Mas, se você vai usar droga, você tem que usar a garrafa". A garrafa é ele, no caso.

O Bleachman demonstra como limpar a seringa, passando água sanitária duas vezes e depois água duas vezes. E o vídeo acaba com ele dizendo: a AIDS é ruim, então limpa essas seringas. A mente por trás dessa obra de arte foi o Les Pappas, que trabalhava numa TV local de São Francisco na época. Tem uma entrevista com ele no livro da Maia. Ele mesmo vestia a fantasia e andava pelas ruas de São

Francisco pra conversar com quem usava droga injetável. Ele contou que, quando os usuários sacavam o que ele era, se apaixonavam. Porque alguém tinha se importado o suficiente com eles, com o bem-estar deles, a ponto de criar um super-herói pra salvar a vida deles. Não é maravilhoso? No site da Novelo você consegue ver fotos do Bleachman.

Aqui no Brasil, a primeira iniciativa de redução de danos também foi por causa da AIDS. Em 1989, Santos, a cidade que fica no litoral de São Paulo, anunciou um programa de distribuição de seringas para tentar controlar a epidemia. O compartilhamento de seringas era a maior causa de contaminação. E Santos estava enfrentando um problemão com a AIDS. Mas claro que deu ruim, né. A secretaria de saúde de Santos foi processada pelo Ministério Público Estadual por indução ao uso de drogas. Sim, como se distribuir seringa fosse a mesma coisa que incentivar alguém a usar droga. Mas, no fim, o processo foi arquivado. Esse programa acabou não sendo implementado, mas ele deu início a um debate sobre redução de danos por aqui. Foi assim que a redução de danos chegou no Brasil.

O grande incômodo com a redução de danos gira em torno de uma coisa: o apego à abstinência. O jeito de tratar o uso de drogas, até ali, colocava a abstinência em primeiro lugar. Então, pensando assim, nesse caso da AIDS, a solução não seria distribuir seringa, mas sim fazer com que as pessoas parassem de usar drogas. Mas não é todo mundo que quer parar. Ou que consegue parar.

Angélica Comis: Na verdade, a abstinência nunca pode ser a primeira, porque é mais difícil de atingir.

Natália Silva: Isso não quer dizer que a abstinência não faça parte da redução de danos.

Angélica Comis: E muito pelo contrário. A gente não é contra a abstinência. A gente entende que para as pessoas que querem ficar abstinentes, a redução de danos também pode ser um caminho para chegar à abstinência, porque,

na verdade, a redução de danos ela é uma lógica de cuidado. A gente pode construir estratégia para qualquer coisa, com redução de danos.

Natália Silva: E a estratégia de redução de danos que a Stella pensou pro ecstasy foi dar informação, igual na história da Bela Adormecida.

Stella Almeida: Ela se machucou com um negócio que eu não conhecia. Se ela conhecesse o objeto, talvez ela pudesse não se machucar. A escolha só é consciente quando ela é feita com base na informação. Então, eu vou te dar informação para que você faça as suas escolhas. Eu não quero mudar sua escolha, mas eu quero te dar informação para que você veja se é realmente essa escolha que você quer fazer.

Natália Silva: Em 2006, a Stella conseguiu uma bolsa pra fazer esse projeto de redução de danos. Era uma bolsa de pós-doc. O projeto acabou ficando com o apelido de Baladaboa. E funcionava assim: a Stella fez panfletos com informações sobre o ecstasy.

Stella Almeida: E eu escolhi um tamanho de um cartão de crédito, para que as pessoas pudessem guardar. Tinha umas fotinhos bonitinhas, bacaninhas, bem de balada, assim, e cada um falava sobre um tema, então um falava sobre ecstasy e sexo, o outro falava sobre ecstasy e composição dos comprimidos.

Natália Silva: Cada flyer tinha um tópico.

Stella Almeida: Então, o ecstasy pode dar um aumento da temperatura corporal, pode chegar a uma hipertermia. O que fazer? Faça pausa enquanto você dança, não use roupas muito quentes, se observe, beba água, mas não muito, enfim, essas informações de redução de danos divididas em oito flyers, e aí eu distribuía nas baladas.

Natália Silva: Distribuía em baladas e em faculdades. A Stella e as pessoas que ela tinha contratado pra ajudar a distribuir os flyers também ficavam nas portas de faculdades de São Paulo.

Stella Almeida: Na PUC, no Mackenzie, na FAAP e na USP, em alguns lugares.

Natália Silva: Até que um dia...

Stella Almeida: Um estudante de direito pegou um desses flyers e falou "Escuta, que que é isso? Como assim? Isso aqui é bãbãbã."

Natália Silva: O garoto achou que os flyers estavam fazendo apologia ao uso de ecstasy. E ele não era o único que discordava dessa estratégia.

Stella Almeida: Calhou de ser junto com a balada, junto com a Parada Gay.

Natália Silva: Nesse mesmo ano, em 2007, a Parada LGBTQIA+ – que nessa época ainda era conhecida como Prada Gay - também tava com um projeto de redução de danos, dizendo pra não compartilhar seringa, por exemplo, pra não pegar alguma doença. E isso já tinha dado polêmica, a imprensa já estava cobrindo o assunto, e aí o flyer do baladaboa caiu na mão de um jornalista.

Stella Almeida: Que é o Reinaldo Azevedo, da Veja.

Natália Silva: Que tinha uma coluna na Veja nessa época. E ele publicou um texto criticando muito o projeto. Mas assim, muito. O primeiro saiu no dia 18 de junho de 2007. O título era "dinheiro público, da Fapesp, é usado para ensinar o 'consumo responsável' – consumo responsável estava entre aspas – de ecstasy." Eu não vou ler o texto inteiro aqui, mas tem um trecho que sintetiza bem o que o Reinaldo achava do projeto naquela época. Ele escreveu assim "Sair distribuindo 32 mil folhetos propondo um uso mais responsável do ecstasy, sob o pretexto de reduzir danos corresponde a distribuir camisinhas a estupradores". Sim.

No mesmo dia, a Fapesp – que é Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, ou seja, quem dá dinheiro pra fazer pesquisa em São Paulo – cortou a bolsa de pós-doc da Stella.

Stella Almeida: Aí, eu soube pelo jornal que a FAPESP tinha cortado a minha bolsa de pós-doc, tipo, é uma coisa muito absurda, antiética, inacreditável e incrível. E aí eu falei “como assim cortaram a minha bolsa?” Não me perguntaram... Porque não fui eu que inventei, eu até gostaria de ser eu que tivesse inventado tudo isso, mas claramente não foi, eu peguei uns projetos australianos, um espanhol, alguns projetos mais bacanas, modernetes e que eu achava que fazia sentido, traduzi, adaptei, entrevistei usuário, como é que eu pergunto, como é que não pergunto, o que é cabível.

Natália Silva: Pra receber a bolsa da Fapesp, o projeto da Stella teve que ser aprovado por um comitê de ética. Então ela tinha toda a justificativa pra fazer aquilo que ela estava fazendo. Justificativa científica, apoiada em projetos feitos em outros países, com dados, enfim.

Stella Almeida: Daí a gente foi lá falar do presidente da Fapesp. E ele falava assim “não, mas é que vocês não estão entendendo, a Fapesp que é responsável, eu posso sair daqui algemado”.

Natália Silva: Aí a Stella e a orientadora dela começaram a ser chamadas pra dar entrevista.

Stella Almeida: O laboratório que eu trabalho lá de psicofarmacologia, que eu trabalhava, é um laboratório que tipo só eu trabalhava com humanos, né, é um laboratório de ratos, para testar remédio, medicação. E aí o telefone, imagina, um silêncio total, só tem os ratos e os pesquisadores, o telefone não parava de tocar, o porteiro vinha lá da coisa, escuta, tem telefone, em todo lugar tem telefone. Aí saiu no Destak, aí saiu... não, foi assim, uma coisa que, juro, eu não esperava.

Natália Silva: Saiu na Globo também, teve uma reportagem no jornal local de São Paulo, o SPTV.

Stella Almeida: Então foi uma puta loucura. Daí alguns pesquisadores super vieram em minha defesa, foi bem bacana.

Natália Silva: Teve um abaixo-assinado com mais de 850 assinaturas, de psicólogos, pesquisadores, advogados, e aí, o presidente da Fapesp.

Stella Almeida: Ele retomou a minha bolsa, mas não renovou.

Natália Silva: Só que a história não acabou aí.

Stella Almeida: Ah sim, por que daí o que aconteceu...

Natália Silva: Naquele primeiro texto que o Reinaldo Azevedo escreveu sobre isso, ele disse que num país decente, o Ministério Público convocaria a USP e a Fapesp a dar explicações sobre o projeto.

Stella Almeida: Ele mandou esse texto falando "é um absurdo isso daqui, a FAPESP está patrocinando, a USP, vejam bem, que absurdo, isso aqui dá Ministério Público" e alguém entrou mesmo no Ministério Público contra o projeto, uma denúncia anônima ali.

Natália Silva: E aí de repente o Brasil resolveu ser um país decente, e um promotor de justiça instaurou um inquérito policial – que tramitou no DENARC, que é a Divisão Estadual de Narcóticos – pra investigar se a Stella e a orientadora dela tinham cometido dois crimes:

Stella Almeida: Que era apologia ao uso de drogas e incentivo a conduta ilegal.

Natália Silva: Por causa dos flyers. Parecido com o que aconteceu em Santos, quando distribuíram seringa, só que pior. A Stella não estava distribuindo seringa, ela estava distribuindo informação. Nenhuma das duas coisas é errada, mas o caso da Stella parece ainda mais absurdo, porque o que ela estava fazendo, no fim das contas, era dar conselho.

Stella Almeida: Que um dos meus flyers falava isso, né, olha, você vai tomar? Beleza, então, você toma metade da dose que você planejou tomar, espera um pouquinho e decide se quer tomar a outra metade. Nossa, isso Denarc falou que era o fim da picada, sabe?

Natália Silva: E foi por isso que rolou o inquérito.

Stella Almeida: Aí foi uma puta dor de cabeça, porque fiquei trabalhando gratuitamente, sem bolsa.

Natália Silva: Porque a bolsa dela tinha sido retomada, mas não foi renovada, e processo durou meses.

Stella Almeida: Fiquei seis meses, escrevi calhamaços de defesas e anexando flyers gringos, flyers de universidades, dizendo: "eu não inventei, eu só quis adaptar aqui no Brasil".

Natália Silva: E aí, em outubro de 2010, o inquérito foi arquivado pelo Ministério Público de São Paulo. Depois disso, a Stella parou de trabalhar com ecstasy. Ela atuou alguns anos com redução de danos de álcool, fazendo campanhas de conscientização pro governo e pra empresas de bebidas. Com isso, ela nunca teve problema. Talvez porque o álcool, apesar de fazer muito mal, é uma droga socialmente aceita.

Para Stella, e acho que isso fica claro no jeito como ela conta, toda essa história dela foi causada pelo moralismo. E, pra ela, o Reinaldo Azevedo foi o porta-voz desse

pensamento. Ainda que ele não tenha sido o único a falar do projeto, o Reinaldo foi o primeiro a publicar um texto de opinião, supercrítico. Talvez seja por isso que a Stella lembre dele como um marco. Ou talvez seja porque ela conhecia ele.

Stella Almeida: E aí isso é uma coincidência louquíssima do destino. Eu tinha um filho em cada escola e a minha filha estudava em uma escola na classe da filha dele e meu filho estudava em outra escola, na classe da outra filha dele.

Natália Silva: Então a Stella conhecia ele, os filhos dele, dava carona às vezes. A filha dela já tinha dormido na casa dele. Mas ela não foi falar com ele sobre o texto.

Stella Almeida: Olha, eu não tentei. Eu não tentei porque eu vi que não ia... Não, não tinha porque eu falar com ele. E também não era ele, né? É esse monte de gente que pensa assim, então ele é só, era só um representante também. Ele não ia mudar de ideia, ele não ia adiantar nada, na verdade.

Natália Silva: Bom, a Stella não tentou falar com o Reinaldo, mas eu tentei. Ele não topou conversar por telefone, mas me mandou uma mensagem de texto no WhatsApp, que eu vou ler aqui: "Natália, como você nota, faz 15 anos. Não tenho informações atualizadas para voltar ao tema. Até porque teria de reestudá-lo. E não tenho tempo. Não tenho importância no debate sobre redução de danos. E minha opinião é a genérica de um não especialista: se bem aplicada, pode ter efeitos benéficos. Se mal aplicada, será contraproducente. Mas até com água é assim."

Não é uma resposta super espirituosa, vai. Mas tem seu valor. Essa frase "até com água é assim", ela me pegou, porque eu lembrei que aconteceu comigo. Depois que eu conversei com a Stella sobre o Baladaboa, eu fiquei com vontade de ver uma ação de redução de danos de perto, porque eu confesso que queria entender se funcionava mesmo. Aí eu fui numa festa aqui em São Paulo, onde a ONG onde a Angélica trabalha faz algo parecido com o Baladaboa. Eles montam um stand e ficam distribuindo panfletos, conversando – tem psicólogos pra ajudar quem tomou alguma e está se sentindo muito mal, enfim. E eu estava ali meio tentando gravar, mas estava muito barulho, então não tinha muito como entrevistar

ninguém. E eu queria muito ser útil. Aí eu senti que a única coisa que dava para eu fazer, sem experiência nenhuma, era dar água para as pessoas. Tinha uns galões de água, copos de plástico e eu não podia ver uma pessoa passando, que eu dizia “você quer tomar água?”. Eu achei que eu estava salvando a festa inteira da ressaca do dia seguinte. Aí rolou uma coisa muito tensa. Foi a única coisa tensa da noite, na verdade. Um cara tomou LSD e teve um surto. Então ele se bateu, empurrou uma garota, ela caiu, se machucou, teve que ir para o hospital. E aí os bombeiros foram tentar conter ele, e acabaram piorando a situação, porque ele ficou mais desesperado. E aí o pessoal da ONG foi chamado pra ajudar. Eles trouxeram o menino para o stand, e botaram ele deitado numa salinha, que tinham vários colchões no chão, era escura, mais quieta, pra ele ficar ali até se acalmar. Uma psicóloga ficou com ele. Aí eu pensei “água, ele precisa beber água”. Quando eu estava quase chegando na salinha, com o centésimo copo de água que eu segurei naquele dia, uma outra psicóloga disse que ele não estava em condição nem de beber água, que ele precisava se acalmar um pouco mais. Então, de um jeito bem literal, até com água é assim. A gente tem que tomar cuidado. Tem hora pra tomar, tem jeito, tem quantidade, tem qualidade.

Talvez se o Reinaldo tivesse pensando dessa forma lá atrás, essa história toda teria sido diferente. É claro que o fato do alvo do equilíbrio no estudo da Stella ser o ecstasy e não a água também não ajudou. A gente tem muito preconceito contra drogas em geral, ou como aquilo que a sociedade chama de “droga” – porque onde é que dá pra traçar a linha, não é mesmo? Ecstasy, cocaína, heroína, crack, todas elas causam danos, assim como álcool, cigarro, açúcar, mas sempre dá pra tentar fazer algo ruim ficar um pouco menos pior.

Dá pra dizer, por exemplo, “beba com moderação” numa propaganda de bebida alcoólica. “Se beber, não dirija”, enfim, isso é redução de danos: deixar o ruim menor pior. Essa ideia foi tipo uma pílula vermelha pra mim. Sabe, aquela do Matrix? A pílula pra saber a verdade?

É isso. A vida dói. Tudo machuca. Desde que a Stella me contou aquela versão da história da Bela Adormecida, eu virei meio uma missionária da redução de danos. Eu acho que dá pra reduzir dano de tudo. Tipo, eu vou na academia – que é uma coisa que eu preciso fazer mas não gosto – mas eu vou ouvir um podcast, aí fica menos chato. Redução de danos. Vou comprar uma roupa que eu nem preciso tanto? Vou, mas compro de uma cor neutra, que dá pra combinar com várias outras. Redução de danos. Vou pedir um delivery? Vou, mas eu peço um negócio que dá pra comer em duas refeições. Vou encher a cara de vinho no fim de semana? Vou, mas vou beber uma água entre uma taça e outra pra ressaca ser menos braba.

Eu não mudei o jeito que eu vivo a minha vida desde a conversa com a Stella, mas eu mudei o meu jeito de ver as coisas. Eu acho que redução de danos é, no fundo, uma filosofia. Ou uma lógica, como a disse a Angélica. É um pouco ingênuo, ou muito ingênuo, achar que a vida vai ser uma coisa sem dor. Sem dano. Sempre vai ter um problema, um erro, uma coisa inconveniente. Se a gente conseguir deixar menos pior, já está ótimo. Eu acho que esse é um jeito mais realista de ver a vida, que está longe de ser um conto de fadas.

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva, produtora da Novelo. E depois que a Nat apurou essa história sobre redução de danos no uso de drogas, a gente – com perdão do trocadilho – ficou meio viciada. Quer dizer: a gente começou a ver redução de danos em tudo, ou vendo oportunidades perdidas de redução de danos em tudo quanto é lugar.

E um dos maiores campos minados nesse quesito – junto com a saúde pública, com a violência, com outros problemas estruturais da sociedade – é um que é bem mais próximo, mais íntimo, no quintal de casa. É como a gente atravessa maratona emocional, financeira, logística, física, espiritual que é uma vida a dois.

A Paula Scarpin foi sentar com duas pessoas que tão encarando esse desafio bem no espírito da redução de danos. E da letra da lei.

ATO 2

Valentina Castello Branco: Eu posso.

Aurélio Aragão: Comece, Tessen, por favor.

Paula Scarpin: Peraí, que eu que estou no controle, então eu que vou começar. Esses que você acabou de ouvir aí são a Valentina Castello Branco e o Aurélio Aragão.

Paula Scarpin: Acho que a gente pode começar pedindo para se apresentarem, que é uma coisa que a gente faz.

Aurélio Aragão: Vai você primeiro, que eu não sei quem eu sou, não.

Valentina Castello Branco: Ninguém sabe quem é, não, ó, Aurélio, é uma coisa nossa. Eu sou Valentina. Eu sou roteirista, mulher do Aurélio, mãe da Amora e madrasta do Benja.

Aurélio Aragão: E eu sou Aurélio, marido da Valentina, pai da Amora e do Benja e roteirista em geral.

Paula Scarpin: A Valentina e o Aurélio estão juntos desde 2016. Eu conheci eles no ano seguinte. E logo depois eles resolveram se casar.

Valentina Castello Branco: Mas chegou uma hora, quando a gente decidiu casar e a gente queria fazer uma festa, que virou um inferno.

Paula Scarpin: Acho que qualquer pessoa que já planejou uma festa – não precisa nem ser festa de casamento – consegue ter uma ideia do que que é esse inferno que a Valen tá falando. Porque planejar uma festa é, essencialmente, uma tentativa

de conjugar interesses de pessoas diferentes. Quer dizer: uma receita perfeita pra criação de expectativas irreais e frustração garantida.

Valentina Castello Branco: Eu sou difícil, ele é difícil. E era muito esquisito, porque a gente estava muito animado para casar. Mas, sei lá, toda semana a gente falava "Então vamos cancelar". Aí eu sentava no computador e escrevia um e-mail falando: "Sinto muito pelo convite equivocado, mas percebemos que o casamento não é possível". E era revertido, mas chegou uma hora que a gente cansou e o Aurélio propôs que a gente criasse uma Constituição.

Paula Scarpin: Uma Constituição. Foi por isso que eu chamei a Valentina e o Aurélio pro estúdio da Novelo pra conversar. Porque de todos os casais que brigam, de todos os casais que sofrem pra fazer festa de casamento, de todos os casais que estabelecem regras entre eles, a Valentina e o Aurélio são o único casal que eu conheço que levou isso a um patamar constitucional. Sabe aquele verso da Marina Lima, "você me abre seus braços e a gente faz um país"? Parece uma coisa linda, né? Mas o que a gente esquece é que fazer um país dá trabalho. E, segundo o Aurélio, depois de um tempo, não dava mais pra tocar esse país deles dois sem um marco legal.

Aurélio Aragão: Os dois gostam muito de conversar, mas os dois também gostam muito de discutir. E aí as discussões ficavam infinitas. A gente passou a dormir pouco porque a gente ia até meio da madrugada em debates quentes e a gente batizou isso – porque começou a atrapalhar o trabalho, a relação com as crianças, a cuidar da casa – a gente chamou isso de custo Brasil. "Lá vem o custo Brasil". E eu falei: "Cara, não é possível. A gente precisa repactuar isso, se não o país não vai pra frente". E aí veio a ideia da Constituição.

Paula Scarpin: Lembrando que os dois são roteiristas. Então claro que teve que ter sala de roteiro da carta magna. Mas que a gente pode chamar de Constituinte, nesse caso.

Aurélio Aragão: Tem uma coisa que eu acho a verdade mais legal disso tudo, que foi o jeito que a Constituinte aconteceu, que a Valentina sugeriu um troço: "Vamos fazer o seguinte: vamos imaginar o que é importante para o outro. Ao invés de cada um dizer o que via para si, vamos escrever como uma proposta de pré-assembleia, o que é fundamental para o outro".

Paula Scarpin: Tipo, em vez de cada um sair colocando os próprios desejos e restrições, a Constituinte já começou com um exercício de empatia. Por exemplo: o Aurélio sabe que a Valentina detesta louça suja na pia.

Valentina Castello Branco: A gente faz isso em brigas até hoje, que é poder trocar de papel. Então, se a gente tem uma situação difícil, eu falo que eu acho que o Aurélio está sentindo. Ele fala o que ele acha que eu estou sentindo. E aí essa – em geral, só esse exercício de poder perceber que o outro entendeu o seu lugar já é muito apaziguador.

Aurélio Aragão: "Olha, acho que para a Valentina isso aqui é muito importante, isso – ela não vai conseguir viver sem isso, está fazendo mal, isso faz muito bem". Então a gente fez uma lista de coisas que a gente achava que pro outro eram fundamentais. E a partir daí a gente refez a Constituinte. A Assembléia de fato aconteceu. A gente começou a escrever.

Paula Scarpin: Daí eles começaram com cada um listando as coisas que eles achavam que incomodavam muito o outro. Coisas que poderiam virar inconstitucionais dali pra frente.

Valentina Castello Branco: Então, por exemplo, o Aurélio é uma pessoa que, quando eu conheci, tinha, sei lá, cinco contas em banco, que ele não sabia quais eram essas contas e ele fazia o imposto de renda dele inventando números. Ele achava que era assim.

Aurélio Aragão: Estimando, estimando. Cuidado, porque as pessoas vão atrás de mim por conta disso, eu já fui cair na malha fina. Está tudo certo na Receita, tudo resolvido. Mas eu estimava números.

Valentina Castello Branco: E o banco dele era em Niterói. Ele tinha 40 anos e tinha um cartão universitário do Banco do Brasil que não funcionava.

Aurélio Aragão: Era uma taxa muito menor e muito mais favorável.

Valentina Castello Branco: Você não era um universitário! Ele não tinha, era muito confuso. Ele ficava capturado por essas coisas. E eu queria arrancar o meu braço. Ele não tinha. Ele tinha cinco contas e nenhum cartão de crédito, então ele nunca podia comprar nada online e ele, sei lá, para fazer uma transferência, ele tinha que ir a Niterói ou pedi a um amigo que fizesse. Era muito confuso, e aí a gente estava lá e ele sabia. Ele conseguiu escrever: "a Valentina fica louca com a minha administração financeira da minha vida".

Paula Scarpin: Eu preciso confessar que estou com o Aurélio nessa – e talvez eu tenha usado meu cartão universitário do Banco do Brasil até o ano passado. Mas a Valen deu outro exemplo – agora dela –, e a carapuça serviu aqui de novo. É sobre a necessidade de agradar as pessoas.

Valentina Castello Branco: Eu sou patologicamente programada para agradar. Então, se qualquer se amigos de fora estivessem no Rio, eu ia, sei lá, se eu precisasse virar a noite por cinco dias para a gente poder ter muitos programas divertidos e experiências fantásticas, eu faria isso mesmo que isso tivesse um custo enorme para minha vida prática. Só que toda semana tem alguém. E aí a vida vai ficando inviável um pouco. Fica todo mundo falido, inchada de bebida, com trabalho atrasado. E eu sabia que isso era uma coisa que enlouquecia o Aurélio.

Paula Scarpin: Ok, está com dois exemplos: um que tem a ver com ordem nas finanças e outro com os limites na vida social. Mas nas discussões da Constituinte, a Valentina e o Aurélio também foram estabelecendo áreas de competência. Delimitando jurisprudências.

Aurélio Aragão: Eu caía na besteira de, às vezes comprar objetos para casa, tipo um objeto, um cesto, um cinzeiro ou alguma coisa assim. E a Valentina, vocês sabem, ela tem um cuidado estético, ela entrou aqui, ela reparou no tom das cadeiras como é que o armário gaveteiro verde floresta. Ela tem a capacidade de olhar para os objetos com muita, muito carinho. E eu achava ingenuamente, então, que os objetos tinham uma função prática e olhe lá. Eu falei, cara, então eu preciso entender que, para a Valentina, o cuidado com os objetos é fundamental. E aí ela passa a ter, uma espécie de a gente chama CEO estético, CEO estético da casa. Ela toma conta disso. Eu posso até comprar, etc, mas eu admito que a liderança do padrão estético da casa é da Valentina.

Valentina Castello Branco: Eu acho que isso é uma outra coisa da Constituição, que é que é o reconhecimento de uma hierarquia em determinados temas. Nossa, a gente é muito treteiro mesmo, né? Então, por exemplo, se a gente fosse, quando a gente vai viajar, se a gente tá indo para um lugar e eu vou pesquisar hotel ou casa no Airbnb, eu vou pesquisar na primeira página. Aí, na primeira página eu vou ver qual lugar eu gostei mais. Aurélio vai enquanto houver páginas. Então ele é o CEO turístico. Eu não tenho autorização para reservar nada sem a aprovação dele.

Aurélio Aragão: Que gente chata que a gente é!

Valentina Castello Branco: Caraca, a gente é muito! Desculpa! Porque imagina que, enquanto isso devem ter surfistas que estão viajando numa

kombi ouvindo, falando, "caralho, coitados, eles precisam, sei lá, de medicação e maconha e sei lá, um exorcismo".

Paula Scarpin: Ok, acho que do mesmo jeito que todo casal é cringe, todo casal também é muito chato. A diferença é que a Valen e o Aurélio resolveram codificar as chatices particulares deles. Em nome do amor, da ordem e da paz social.

Valentina Castello Branco: Então, um dos primeiros itens da Constituição era: o Aurélio não gostava de acordar sozinho. Se ele se visse na cama sozinho, ele ficava muito chateado. Eu podia estar na sala. Mas ele ia chegar na sala assim, muito bravo, porque ele tinha acordado sozinho. Eu não tenho a menor ideia porque ele não gosta de acordar sozinho na cama. Eu nunca – não é que eu saía de casa e ia para o samba e voltava no dia seguinte, eu estava na sala. Mas a ideia de acordar sozinho era muito ruim. Ele queria que eu avisasse para ele falasse "Olha, eu vou pra sala". E eu sou o contrário. Não gosto de ser acordada. Eu quero dormir o máximo possível, então era difícil que eu conseguisse colocar. Então a gente – na Constituição, você tem um artigo que diz que eu não saio da cama sem avisar e que ele não me acorda mesmo que ele esteja indo para um bar e vá voltar no dia seguinte, eu prefiro um bilhete. E a gente...

Aurélio Aragão: Pra vocês terem uma ideia do nível de minúcia, assim. Porque é isso. E o pior é que eu estudei. Lembrei hoje que estudei direito constitucional da pior maneira possível.

Valentina Castello Branco: Até com Gilmar Mendes.

Aurélio Aragão: Direito Constitucional um, dois e três, com o Gilmar Mendes. E era uma época em que eu tinha 17, 18 anos e tudo que eu não queria era a lei. Eu era aquele adolescente, bem típico, que odiava autoridades. Então, a aula do Gilmar Mendes era a pior coisa para mim em todos os tempos. Eu não conseguia ficar dentro da sala. Então, eu realmente não aprendi nada, nada. Não sei nada sobre direito constitucional.

Aurélio Aragão: Você sabe que o Gilmar mudou minha vida? Um parêntese. Desculpa, você mudou, mas... Gilmar Mendes mudou minha vida.

Valentina Castello Branco: Porque ele é muito carismático.

Aurélio Aragão: Eu estava fazendo direito, seguia fazendo direito, odiando aquilo tudo. E um dia eu estava indo às 7:40 da manhã pro UNB para fazer a prova de direito constitucional, sei lá, 4. E eu tinha um jipe velho, antigo e na hora que eu estava chegando, nervoso, já quase atrasado para a prova, eu senti o mundo virando e ficando escuro. O jipe perdeu a roda e capotou e eu entrei num daqueles buracos de terra vermelha de Brasília e fiquei dentro daquilo um tempo. E eu saí no automático, pegando o caderno e tal, imundo, e caminhando no sentido da faculdade de Direito para fazer a prova. Aí eu, dei uns dez, 15 passos, e eu falei “gente, por que eu estou fazendo isso? Eu odeio esse troço. Eu estou imundo. Eu não vou mais fazer esse negócio”. E aí eu larguei o curso naquele instante, nunca mais fiz, nunca mais entrei na faculdade de Direito. Foi por conta dessa, decidida.

Paula Scarpin: Mas foi mais o jipe do que o Gilmar Mendes.

Aurélio Aragão: Pode ser. Mas é que tinha ali a figura dele, era tão ameaçador ter que cumprir essa meta. E aí, por... eu não quero estar apavorado, tomando, correndo, fazendo voltas, etc. Por conta do Gilmar Mendes. Era profundamente infeliz. Isso não tem nada a ver com a nossa história, só porque lembrei disso. E talvez para justificar porque que eu não aprendi nada de direito constitucional.

Valentina Castello Branco: Por que que nossa Constituição talvez seja um pouco mequetrefe.

Aurélio Aragão: Muito particular. Ela não segue os princípios do direito convencional.

Paula Scarpin: Eu nunca estudei direito, muito menos direito constitucional.

E o pouco que eu sei é que existe uma escola bem minimalista – a Constituição dos Estados Unidos segue essa escola, por exemplo – em que você escreve o mínimo possível, uns princípios meio gerais, e vai extrapolando a partir daí. E existe uma escola mais maximalista, detalhada, que tenta não deixar margem pra interpretações conflitantes. A constituição do Brasil é mais pra esse estilo minucioso. E a constituição do Aurélio e da Valentina também.

Aurélio Aragão: É o modelo brasileiro que é esse modelo um pouco de raiz romana também, que é o modelo que a gente escreve tudo, tudo em todos os detalhes.

Paula Scarpin: Eu ouço falar dessa Constituição desde que a Valen e o Aurélio começaram a aventar essa possibilidade, mas eu nunca tinha visto o documento em si. Eu não sabia se era um Google Doc ou se era um manuscrito num pergaminho. Nesse dia, no estúdio, eles apareceram com o documento, que era tipo uma apostila impressa e encadernada, com um espiral. E um monte de papezinhos dobrados entre as páginas.

Aurélio Aragão: A gente pegou aqui, tem várias coisas anotadas, papéis soltos, são as PECs.

Paula Scarpin: As PECs – as Propostas de Emenda Constitucional – são frutos de discussões zumbis. Sabe aquela treta de casal que não morre, que sempre volta.

Valentina Castello Branco: Porque se a gente está brigando pela terceira vez pelo mesmo motivo, alguma coisa tem que ser feita a respeito, por que vai ficando todo mundo muito cansado e brigar é muito chato. Para duas pessoas difíceis, a gente é bem intolerante a discussões.

Paula Scarpin: Conviver é um desafio. Decidir morar junto com alguém que foi criado de outro jeito, que tem visões de mundo diferentes, prioridades diferentes,

manias diferentes é meio que uma treta anunciada. E a Constituição foi uma tentativa da Valen e do Aurélio de amenizar essas tretas. Ou talvez a gente possa chamar de redução de danos. Eu pedi pra eles fazerem um tour pelo documento com a gente.

Valentina Castello Branco: Deixa eu ver se o que eu acho.

Aurélio Aragão: Se puder pular as coisas mais polêmicas, eu agradeço.

Valentina Castello Branco: Gente, a gente é muito maluco olhando aqui. Meu Deus do céu.

Aurélio Aragão: Por exemplo, o campo dos direitos e garantias fundamentais, em que a gente trata a relação com a casa, com os filhos, com a divisão de bens. Engraçado, isso já devia estar um pouquinho mais adiante. E sobre a morte. Mas você percebe, ela é meio Bangu, tipo uma constituição feita meio à Bangu total.

Paula Scarpin: Que que é à Bangu?

Aurélio Aragão: Bangu? É o negócio do futebol. Que tinha saída à Bangu, tem a saída que você tem que colocar a bola no meio do campo e sair direitinho. Mas você pode sair à Bangu, que é do jeito que você quiser. Sai e vai rolando. É um pouco isso.

E aí, por exemplo, a gente tem o tópico da organização do Estado, reparando que eu não fui tão mal, é uma coisa que faz sentido. O que que organiza o nosso Estado, é o artigo de planejamento, por exemplo, que é: Priorizamos o tempo do carinho. Isso é a primeira coisa.

Isso é um troço que tem a ver com o prazer dos dois e que é muito fácil que na circunstância seja atropelado por um ou pelo outro. Não, cara, eu preciso entregar tal coisa agora, desculpa, não vai dar para dar um abraço nesse

momento. E se um acionar: "Peraí, calma, a gente não se abraçou ainda. A gente não deu um beijo ainda. Calma". E eu acho que ter isso escrito ajuda.

Depois a gente entra os direitos e deveres individuais e coletivos. Que tem a ver com a vida social, com a hora de acordar. Isso aqui é processual. Os conflitos – quais são os direitos e deveres da relação conflituosa? Artigo Primeiro: priorizamos a gentileza acima de todas as coisas. E a gente vai indo em coisas mais específicas: implicâncias, provocações e discussões públicas são expressamente proibidas e estão sujeitas à multa, que é uma coisa rara na Constituição, que é supor penas.

Valentina Castello Branco: A gente é muito contra discutir em público, então muito isso. Isso é crime.

Aurélio Aragão: É, é crime. A discussão pública é penalizada com um jantar no restaurante que o outro vai ter que pagar. Nem sei mais qual é o artigo. 12. Vida social, inciso primeiro. "Programas são discutidos antes de serem irreversíveis". Que também tinha essa frequência, a gente marcava programas e descobria que o outro tinha marcado.

Valentina Castello Branco: Chegavam cinco pessoas lá em casa que eu não sabia, eu estava de pijama, eles estavam tocando rumba. "As compras de supermercado são de responsabilidade alternada. A cada semana, o responsável semanal pode ouvir sugestões e conselhos, mas a gestão dos gastos e a qualidade das compras estão submetidas ao seu critério". Porque eu sou uma mandona. Se deixar, eu quero mandar na minha semana, na do Aurélio, na do vizinho.

Paula Scarpin: Acho que o meu artigo preferido da Constituição do casamento deles é o seguinte: numa discussão, se uma das partes alega sono, isso tem que ser respeitado. A Valentina explicou que isso surgiu numa dessas conversas de custo Brasil que varavam a noite.

Valentina Castello Branco: Então eu começava a ficar muito cansada, e o Aurélio argumenta muito melhor do que eu. Eu ia ficando com sono e ele ia ficando entusiasmado. E sendo assim, meus argumentos todos, coitadinhos, iam ficando massacrados, e aí a pessoa passou a ter constitucionalmente direito a falar: agora eu vou dormir, a gente continua amanhã. Parece pouco, mas é uma conquista.

Aurélio Aragão: Tem essas coisas processuais, que são importantes. Isso está no capítulo dos conflitos.

Paula Scarpin: Seguindo a lógica da Constituição, o mesmo princípio se aplica à fome.

Aurélio Aragão: A gente tem sinais gradativos de fome, porque muitas vezes a discussão vai acontecer por conta de fome. A gente precisa anunciar – é quase uma regra: sinal amarelo, sinal laranja e sinal vermelho. A gente sabe que sabe que no laranja, a gente não fala sobre nada tenso. Pelo amor de Deus, só pega um sanduíche.

Valentina Castello Branco: Se você dá o alerta laranja acabou. Não tem mais discussão nenhuma. Eu vou saber que eu estou discutindo com uma pessoa irracional. Os artigos não são numerados porque a gente queria avaliar. Por exemplo, a gente tem princípios fundamentais.

Aurélio Aragão: Isso aqui é uma emenda total.

Valentina Castello Branco: Uma medida provisória de 2021. Mas a gente tem um princípio fundamental, que é que a gente quer passar a vida inteira junto.

Paula Scarpin: Um princípio fundamental. Mesmo as constituições maximalistas têm isso, né? Por mais que eles tenham gastado o verbo detalhando sobre

disposições orçamentárias, quem manda no quê, qual esponja se usa pra lavar qual tipo de copo, tem sempre uma ideia, um princípio que rege todo o resto.

Porque, basicamente, sem esse princípio, nada disso faz sentido.

Valentina Castello Branco: E acho que a gente se ama muito e tem muita vontade de construir essa vida. Então tudo isso é uma forma de viabilizar esse projeto de poder – porque eu sei que eu sou feliz com ele, como eu nunca fui e não tenho dúvida de que é a pessoa que eu quero poder estar junto até o fim. E para ser bom, a gente precisa se organizar. Muitas vezes.

Aurélio Aragão: Eu fico emocionado, sempre ouvindo ela, mas tem um troço que é que acho que parte da função dessa Constituição, que essa pequena maluquice que inventou, essa maluquice particular, é voltar pra esse centro, sabe? Porque é muito fácil a gente ser tomado por todas as pequenas discussões do dia a dia, esquecer o que é o fundamental, que é essa vontade de estar junto e que tem uma razão de ser. E a hora que a gente lê os artigos – nossa, a gente, a gente se gosta muito, né? A gente entende muito um ao outro, se esforça muito pra entender um ao outro mesmo quando não entende.

Paula Scarpin: Não é só fazer um país. É preservar o país. É refazer o país todo dia, recompartuar, reafirmar a vontade de continuar sendo país.

Aurélio Aragão: Tipo, está rolando na crise? Tem tal coisa pra rever, tem tal demanda que a gente não está dando conta. A gente marca uma assembleia geral no quarto, a gente para e faz todo esse processo de vamos ver o que o outro está sentindo, está incomodando. Aí escreve, sei lá, 10, 12. E a gente faz um número de coisas, tendo nesse tema dez impressões sobre o que está sentindo. E a gente apresenta para o outro, confere? Acho que você está sentindo isso. E refaz os artigos.

Valentina Castello Branco: Eu acho que as Assembleias, elas são muito úteis porque o desentendimento, ele é confuso, você não sabe direito o que você

está sentindo, se é legítimo, se não é, se é muito subjetivo ou se faz sentido. E aí acho que a Assembleia dá uma materialidade e cria uma distância. E aí a gente para de ser um casal discutindo e passa a ser um casal que está junto, pensando em como ser melhor. Que acho que tem uma coisa que é muito importante. Eu acho que todos os relacionamentos que eu tive na vida antes do Aurélio você tinha sempre uma porta aberta e que todo mundo estava ali mais um pouco flertando com aquela porta. Então, ah, então será que eu fico? Será que eu vou? Enquanto estiver bom eu estou aqui, mas a porta está aberta e a hora que eu quiser eu vou embora. E aí, em geral, na hora que o relacionamento começava a desandar, eu ou a pessoa com quem eu estava entrava um pouco num sistema de insegurança e isso tinha uma ameaça presente o tempo todo. E eu pensei que um dia eu queria ter um relacionamento onde não tivesse uma ameaça de ir embora. E eu acho que a Constituição, ela é uma resposta para isso. Acho que a gente não está numa casa fechada, mas a gente tem um laço entre a gente que a gente não tem vontade nenhuma de romper. E aí, óbvio, torço para que a maior parte das pessoas sejam mais fáceis e mais flexíveis e menos neuróticas do que a gente, pelo bem de todos, da sociedade. Mas a gente é assim e a Constituição é uma boa amiga para esse projeto.

Aurélio Aragão: E é um pouco encarar com todas as dimensões de trabalho que tem. Porque não é só, não é só acordar, não é só o dinheiro, não são só os filhos, não são só as compras, não é só a decoração. É muita coisa, é um mundo mesmo. Ou é um país, sei lá. Então a gente precisa encarar que dá trabalho salvar esse paisinho.

Valentina Castello Branco: Fazer o país funcionar.

Aurélio Aragão: Fazer o país funcionar e existir. E aí é um pouco equacionar as diferenças, muito mais que suprimir. O que a faz gente faz para as elas estarem aqui, porque elas são também um ponto de desejo e lembrar disso, lembrar que a gente quer um pouco essa loucura do outro, também.

Valentina Castello Branco: Acho que é conseguir tolerar algo que não é a gente reconhecendo que é por isso que é tão atraente. Por isso que eu gosto tanto de você.

Aurélio Aragão: E por isso também.

Valentina Castello Branco: Também.

Branca Vianna: Paula Scarpin, diretora de criação da Novelo, conversando com a Valentina Castello Branco e o Aurélio Aragão. Um fun fact pra quem, como você, ouve os créditos até o final: o Aurélio, quando não está escrevendo constituições, é professor de roteiro, e trabalhou com a gente tanto no Praia dos Ossos quanto no A República das Milícias.

Obrigada por ouvir o Rádio Novelo Apresenta. Não esquece de seguir a gente no aplicativo onde você ouve o podcast, e de dar 5 estrelas, porque isso ajuda demais pra gente chegar a mais ouvidos. No nosso site, radionovelo.com.br, você consegue ver material extra e referências pra cada episódio do programa, descobrir outros podcasts que a gente faz, e assinar a nossa newsletter. E se você quiser escrever pra gente pra mandar uma história ou contar o que você está achando, o nosso e-mail é apresenta@radionovelo.com.br. Também dá pra marcar a gente nas redes, no [@radionovelo](https://www.instagram.com/radionovelo).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Toda quinta-feira tem episódio novo. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Évelin Argenta. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva. A Mariana Leão colaborou na montagem desse episódio. A Paula Scarpin fez o desenho de som. A checagem deste episódio foi feita pela Marcella

Ramos. Esse episódio tem Música original do Arthur Kunz e da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro. O Eduardo Wolff é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Gabriel Medeiros e da Laura Camaratta.

Obrigada, e até a semana que vem.